

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

DESIGREJADOS: DAS ORIGENS AO ESTABELECIMENTO NA MODERNIDADE
LÍQUIDA

Raphael Batista Cabral Xavier

SÃO PAULO

2022

Raphael Batista Cabral Xavier

DESIGREJADOS: DAS ORIGENS AO ESTABELECIMENTO NA MODERNIDADE
LÍQUIDA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final no curso
de Bacharel em Teologia da Faculdade
Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Emmanuel Athayde

SÃO PAULO

2022

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Raphael Batista Cabral Xavier

DESIGREJADOS: DAS ORIGENS AO ESTABELECIMENTO NA MODERNIDADE
LÍQUIDA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Emmanuel Athayde - Orientador

Prof. - Leitor

Prof. - Leitor

SÃO PAULO

2022

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa o movimento denominado como “desigrejados”, identificando fatores para o surgimento, as reivindicações e como ele se comporta. Traça um paralelo entre os fundamentos do movimento com a própria identidade pós-moderna definida como “sociedade líquida”. Descreve quais são as características filosóficas de estruturação do pensamento atual e como elas contribuem para o fortalecimento do movimento. Levanta dados sobre a adesão ao movimento e quais são as justificativas das pessoas que participam dele.

Palavras-chave: Desigrejados. Igreja sem placa. Modernidade Líquida. História da Igreja. Cristãos sem-igreja.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
DESENVOLVIMENTO	8
1 - A história dos desigrejados	8
1.1 - Movimentos de ruptura com a igreja	8
1.2 - A influência da cristandade nos movimentos de ruptura	10
1.3 - A ruptura institucionalizada: os desigrejados	12
2 - Desigrejados fortalecidos pela sociedade líquida	18
2.1 - Como a sociedade líquida define os relacionamentos	18
2.2 - A sociedade do consumo afeta a igreja	20
2.3 - Desigrejados: a fotografia que exprime a sociedade contemporânea	23
3 - A Bíblia e os desigrejados	27
3.1 - O que a Bíblia diz sobre a igreja	27
3.2 - Respostas às reivindicações dos desigrejados	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	35

INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa analisar a relação entre a sociedade pós-moderna, definida no livro *Modernidade Líquida* pelo sociólogo, filósofo e professor universitário de sociologia, Zygmunt Bauman, como “a modernidade líquida”, e as características fundamentais do movimento de desigrejados, uma organização formada por cristãos que pertencem à fé cristã, mas não compactuam com a visão ortodoxa do papel da igreja.

Os desigrejados ganharam uma relevância dentro da cultura contemporânea em razão das características da cultura pós-moderna e da liquidez de seus laços, negando à tradição e subestimando o valor do compromisso entre as pessoas. Embora tenha existido grupos na história do cristianismo com propostas similares, os desigrejados podem estar amparados pelo espírito da época onde a individualização é idolatrada.

Para compreender completamente as nuances do movimento dos desigrejados, o trabalho analisará a origem e as reivindicações do grupo. Seus membros são críticos da instituição chamada “igreja” e possuem, em certo nível, validade em determinados questionamentos, como a frustração na aliança entre líderes evangélicos e representantes. Contudo, também há uma parcela que declara adesão ao movimento sem um fundamento teórico muito bem elaborado. Como referencial teórico deste trabalho, a pesquisa “Desigrejados: Teoria, história e contradições do niilismo eclesiástico” (2013) do reverendo Idauro Campos Júnior servirá para o entendimento conciso da organização e quais são suas características singulares.

Aliado à pesquisa de Campos Júnior, este trabalho irá correlacionar o movimento desigrejados com as características da modernidade líquida, entendida como um período onde os relacionamentos são ambíguos, desfeitos e feitos sem nenhum compromisso, como Bauman descreve nas obras *Amor Líquido*, *O Mal-Estar da pós-modernidade* e *Vida para consumo*, a transformação das pessoas em mercadoria. Diante dessa realidade contemporânea, a pesquisa também fará um

levantamento das características do modelo de igreja desenhado pelos padrões bíblicos e se elas divergem ou se assemelham à estrutura dos desigrejados. Dessa forma, as considerações finais servirão para julgar se os desigrejados estão validados por um dos fundamentos centrais da fé cristã: a bíblia.

A problematização dessa dissertação é sobre o impacto da sociedade pós-moderna no entendimento e desenvolvimento da fé cristã. As características da modernidade líquida são capazes de afetar a estrutura da religião e os desigrejados são desdobramentos do pensamento vigente da contemporaneidade. Portanto, há um grande risco na formação de novos formatos do cristianismo, objeto principal de estudo, a partir de óticas individualistas e secularizadas, predominadas pelo conceito filosófico atual.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 apontam cerca de quatro milhões de brasileiros que se intitulam “cristãos sem nenhum vínculo com a igreja”. Logo, é um grande número que pessoas que acreditam não ser essencial a vida da igreja na cultura atual. A aderência ao movimento de ruptura tem demonstrado crescimento e sua relevância não pode ser menosprezada, afinal, as organizações eclesiais precisarão dialogar com tal movimento para compreender seus argumentos e reivindicações.

Como objetivo geral, esta dissertação analisará historicamente o processo de formação dos desigrejados para descobrir se o movimento é exclusivamente fruto da sociedade pós-moderna ou se é resultado de períodos históricos diferentes que também possuíam reivindicações similares.

Como objetivo específico, esta dissertação levantará características específicas e próprias do movimento dos desigrejados para comparar com as definições da modernidade líquida, tentando chegar a um paralelo onde a sociedade contemporânea pode influenciar o formato atual deste movimento de ruptura da igreja institucional. Como tese principal desta pesquisa, acredita-se que a modernidade líquida fortaleceu o discurso dos desigrejados e alavancou sua relevância, sistematizando o pensamento para alcançar muitas pessoas que estavam descontentes com a igreja institucional.

No primeiro capítulo, o trabalho mostrará uma trajetória do movimento desigrejados e como ele se transformou até à estruturação atual, abrangendo suas justificativas e reivindicações. Como mencionado anteriormente, o movimento surgiu antes da era pós-moderna. Portanto, será apresentado a origem do conceito e como os adeptos da ideia se organizaram ao longo da história.

No segundo capítulo, o projeto mostrará como o movimento dos desigrejados é fortalecido nesse período histórico atual, conhecido como a sociedade pós-moderna. A tese deste trabalho de conclusão de curso de Teologia é que o movimento ganhou uma grande relevância e uma boa projeção graças à cultura contemporânea em que os laços afetivos são líquidos e o compromisso é rejeitado. Em uma cultura eclesial onde os relacionamentos são uma parte essencial à fé cristã, o movimento valoriza o oposto: a individualização e afrouxamento dos laços.

No terceiro capítulo, haverá o confronto entre as teorias defendidas dos desigrejados e se elas estão de acordo com o modelo bíblico da formatação da igreja. Semelhanças, diferenças, pontos em comum e divergentes serão colocados em comparação para colocar, à luz das Escrituras, qual deve ser o padrão correto para as pessoas de fé cristã participarem.

DESENVOLVIMENTO

1 - A história dos desigrejados

1.1 - Movimentos de ruptura com a igreja

A cultura pós-moderna pode ter fortalecido o discurso dos desigrejados, mas sua filosofia não surgiu no século XXI. Embora o movimento tenha obtido uma grande relevância nos anos mais recentes - comprovado pela pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 que contabilizou mais de quatro milhões de brasileiros cristãos que não possuem vínculos institucionais - "desencantos institucionais com as igrejas cristãs e a consequente proposta de ruptura não são novidades" (CAMPOS, 2017, p.90).

Os principais expoentes atuais do movimento são teólogos como Frank Viola e George Barna, autores da obra Cristianismo Pagão que difundem o conceito das igrejas formadas em lares de cristãos sem a necessidade da formatação de uma instituição (MACIEL, 2015, p.90). A partir da publicação do livro em 2005, outros títulos escritos por Viola fortaleceram a visão dos desigrejados, como Vivenciando a Igreja Orgânica, chegando até o Brasil e influenciando o ex-reverendo presbiteriano Caio Fábio na criação do Caminho da Graça, definido como "um grupo não só desinstitucionalizado, mas desinstitucionalizante; isto é, propagador do ideal da não institucionalização." (SANTOS, 2018, p. 124). Todos os defensores possuem tais características comuns: criticam a institucionalização da igreja e, em certo nível, estão desapontados com as principais lideranças evangélicas e suas respectivas manutenções de poder. (VIOLA & BARNA, 2008, p.67)

É importante destacar que esses dois motivos para a formação de variantes dos desigrejados ao longo da história: a decepção contra as lideranças eclesiais e a desaprovação de como a estrutura ortodoxa funcionava. Naturalmente, surgiram alternativas que estavam interessadas em romper com as religiões que possuíam esses denominadores em comum. Ora os movimentos de ruptura buscavam realizar

críticas contundentes aos líderes que mantinham a fé institucionalizada, como o montanismo; ora, pretendiam a criação de uma fé mais simples, orgânica e natural, como os quakers da Inglaterra do século XVII.

O mestre em Teologia, Alexandre Oliveira Bilhalva, em sua dissertação acadêmica sobre os Desigrejados, reforça que “o desigrejismo não tem uma causa única” (BILHALVA, 2020, p.22) e as divergências com a Igreja cristã sempre aconteceram. Os movimentos de ruptura possuíam um caráter restauracionista, ou seja, alegavam retornar à essência da Igreja primitiva. Assim como o movimento dos desigrejados afirma defender e buscar um retorno ao modelo primitivo (VIOLA & BARNA, 2008, p.141), dois outros grupos da história também possuíam o mesmo caráter, rompendo com a igreja da época: o montanismo e os quakers.

O montanismo surgiu no século II por meio de Montano, um pagão que se converteu ao cristianismo. O líder possuía constantes críticas ao clero por acreditar que a voz de Deus não estava restrita às Sagradas Escrituras, mas ainda havia profetas vivos nos quais o Espírito de Deus se manifestava - sendo Montano um desses eleitos (CAMPOS, 2017, p.93.). A denúncia do líder religioso apontava que a institucionalização da igreja causava o aprisionamento do Espírito, fazendo do espaço um lugar limitado e impedindo a ação do Espírito Santo.

Shelley relembra que as ações de Montano foram motivadas ao ver “uma igreja se tornando secularizada, aceitando pensamento, cultura e filosofia do mundo pagão” (SHELLEY, 2018, p.84) e, por isso, ele tomou uma posição radicalizada. Porém, suas reivindicações abandonaram os princípios das Escrituras e a igreja respondeu ao movimento definindo a fé cristã centrada nos Evangelhos e ensinamentos dos apóstolos, surgindo o primeiro documento do cânon em 190. Por outro lado, Montano fugia dessa institucionalização da fé, defendendo o livre-agir do Espírito independente das Escrituras.

A rejeição do montanismo, com suas profecias e moralizações, revelou a face institucional da Igreja mais do que em qualquer outro momento. Ela pregava às nações e revelava sua universalidade; confrontava os hereges e articulava sua ortodoxia; e lutava contra o pecado e desenvolvia o episcopado. Quando as igrejas conferiram

aos bispos o poder de perdoar os pecados, o cristianismo católico alcançou sua maturidade. (SHELLEY, 2018, p.89)

Os desigrejados, assim como os montanistas, defendem a livre ação do Espírito em que cada indivíduo exerce sua ministração sem dependência de qualquer pastor ou representante. Embora os movimentos estejam separados por uma distância histórica, é possível perceber elementos similares entre ambos.

Enquanto o foco de Montano era na liderança eclesiástica, houve um outro momento da história do cristianismo que um grupo se levantou com protestos à cultura cristã da época. Trata-se dos quakers na Inglaterra do século XVII, um movimento criado por George Fox em uma era onde “as pessoas se consideravam justificadas por adesão a um credo formal, e não por uma fé viva em Cristo morto e ressuscitado” (ABARCA, 2008, p.64). Em suma, os quakers - nome que significa “tremedor” na língua portuguesa por causa dos tranSES dos membros em suas reuniões - enfatizavam que a vida cristã não exigia formulações teológicas e/ou templos físicos.

Os “Amigos”, como se auto intitulavam, assumiram uma posição radical quanto à rejeição da estrutura ortodoxa da fé cristã. Tentando negar as influências vistas na Igreja Anglicana que desejava permanecer relacionada com o Estado e fugindo da sobriedade e rigidez do calvinismo britânico, o grupo questionou os templos, a liturgia, os sacramentos exteriores e visíveis do Batismo e Ceia, e o clero religioso profissional.

Era notório como os quakers buscavam uma fé livre das estruturas da institucionalização. Suas reuniões eram livres de ministros intermediários e se encontravam nas ruas de Londres para cultuar. No entanto, a fé cristã oficial da Inglaterra sufocou o movimento por ser contra as normas da época. Assim como os desigrejados, os quakers eram restauracionistas, ou seja, desejavam replicar uma experiência parecida com a Igreja Primitiva do primeiro século com “um cristianismo despido de liturgia, templo e sistematização. A Igreja Primitiva era o modelo ideal para a espiritualidade” (CAMPOS, 2017, p. 185).

Outros movimentos restauracionistas ansiavam pelo mesmo objetivo, como os darbistas e anabatistas, contudo, eles também não obtiveram sucesso em sua jornada. A razão da falha é que a experiência da Igreja Primitiva jamais se repetirá por causa dos seus eventos históricos que a formaram: a ascensão de Jesus Cristo e o derramamento do Espírito Santo. Mesmo assim, o desejo de retorno ao modelo primário é uma das metas dos desigrejados (VIOLA & BARNA, 2008, p.27).

1.2 - A influência da cristandade nos movimentos de ruptura

É interessante notar que a cristandade foi um fator motivador histórico para a formação de grupos que defendiam a ruptura com a igreja institucional. Shelley define o conceito de cristandade com dois braços: “o religioso (igreja) e o secular (governo civil) que servem a propósitos diferentes, mas procuram alcançar uma realidade única” (SHELLEY, 2018, p. 512). A cristandade foi tão forte em alguns lugares, como no caso da Dinamarca do século XIX, que gerou uma revolta liderada por Soren Kierkegaard, teólogo, filósofo e crítico social, considerado o primeiro filósofo existencialista que relacionou a fé cristã com a individualidade do ser humano, tornando-os elementos interligados.

A luta de Kierkegaard girava em torno de uma religião oficial do Estado.

A religião cristã foi suprimida a uma extensão do poder político da monarquia. Os pastores se transformaram em símbolos, não somente da religião cristã, mas do Estado. Este usurpara a noiva de Cristo e a transformou em meretriz de luxo do palácio, com o objetivo de seduzir a todos os cidadãos [...] Kierkegaard via o cristianismo precisando ser vivenciado de novo, porque o que chamavam de cristianismo não passava de cristandade (união de Igreja e Estado). (VIEIRA, 2017, p. 16).

O teólogo e filósofo dinamarquês protestou diretamente contra a Igreja da Dinamarca, alertando aos seus ouvintes que era melhor que não participassem das reuniões e não compactuassem com aquela fé manipulada. A ruptura proposta por Kierkegaard não era em vão, afinal, a Igreja da Dinamarca colocava a si mesma

acima da Escrituras, posicionamento que o protestante não concordava (VIEIRA, p.18).

A história demonstra que o casamento entre igreja e Estado nunca foi uma união estável. Na Inglaterra, os puritanos que assumiram a liderança da nação são lembrados como rebeldes fanáticos capazes de executar o rei (SHELLEY, 2018, p. 321). Em um caso mais recente, é possível uma visível aproximação ou apoio das lideranças evangélicas brasileiras para a eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro. Embora o representante da república não tenha instaurado uma religião oficial do Estado, suas falas já flertaram com tal possibilidade, como “não tem essa história de Estado laico, é Estado cristão” feito em um comício em ano eleitoral (MARTINS, 2021, p.9). Consequentemente, o posicionamento das igrejas cristãs de apoio ao atual presidente foram contestadas por fiéis e, muitos deles, em uma espécie de protesto, desligaram-se de suas comunidades.

Os exemplos anteriores servem para ilustrar como a cristandade possui um impacto na cultura e como Kierkegaard, de certa forma, pretendia romper com tal mentalidade. Em sua obra *Temor e Tremor*, o teólogo desenvolve o pensamento do cristianismo individualizado. Ele não está negando a importância da comunidade, afinal, ele defende os ensinamentos bíblicos, porém, ele vê que a “cristandade é a religião das massas e das multidões, enquanto o cristianismo verdadeiro é do indivíduo” (VIEIRA, 2017, p.20)

Em relação ao cristianismo, ao contrário, objetivamente é uma categoria extremamente infeliz, e aquele que tem um cristianismo objetivo e mais nada é eo ipso um pagão, pois o cristianismo tem a ver, justamente, com espírito, com subjetividade e com interioridade. (KIERKEGAARD, 2013, p.48).

Não era a intenção de Kierkegaard formar um movimento que fosse contra a própria igreja, mas o desenvolvimento da sua teologia enfática na individualização, subjetividade e protestos concisos contra as práticas eclesiais podem ter servido, em algum grau, para a construção do pensamento dos desigrejados pós-modernos.

Kierkegaard, marcado pela sua filosofia existencialista, enfatizou a importância do ser indivíduo, opondo-se ao sistema coletivo (BARROSO, 2020, p. 80). Para ele, o universal não passa de uma abstração e o indivíduo singular precisa existir fora de todas as ordens estabelecidas para se tornar único (BARROSO, 2020, p.85). A ênfase do teólogo e filósofo dinamarquês e até mesmo suas reivindicações contra a cristandade dialogam diretamente com os desigrejados que valorizam a fé individualista e criticam o sistema hegemônico e institucional da fé.

1.3 - A ruptura institucionalizada: os desigrejados

O teólogo presbiteriano e ex-chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Augustus Nicodemus Lopes, identificou os argumentos que são, de forma geral, utilizados pelos desigrejados para a sua ruptura com a igreja e os relatou em um artigo publicado no website Tempora! Mores!. São eles:

1. Cristo não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional.
2. Já nos primeiros séculos os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, a Igreja, criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, e de tal maneira se organizaram que acabaram deixando Deus de fora. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo por Constantino, a igreja corrompeu-se completamente.
3. Apesar da Reforma ter se levantado contra esta corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmíssimos erros, ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões de fé, catecismos e declarações de fé, que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.
4. A igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas, seminários.

5. De acordo com Jesus, onde estiverem dois ou três que crêem nele, ali está a igreja, pois Cristo está com eles, conforme prometeu em Mateus 18. Assim, se dois ou três amigos cristãos se encontrarem no Frans Café numa sexta a noite para falar sobre as lições espirituais do filme O Livro de Eli, por exemplo, ali é a igreja, não sendo necessário absolutamente mais nada do tipo ir à igreja no domingo ou pertencer a uma igreja organizada.
6. A igreja, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, e prestado um desserviço ao Evangelho. Precisamos sair dela para podermos encontrar a Deus.

A sistematização do pensamento do movimento auxilia na análise de suas reivindicações e no entendimento de seus comportamentos. Se os argumentos são válidos ou não, isso será discutido posteriormente. Contudo, é necessário reforçar novamente que as características dos desigrejados estão em torno da decepção com a liderança eclesial e o protesto aos modelos de operação da igreja institucional. Todo o conjunto denuncia uma realidade complicada de experiências reais de dor, frustração e desesperança. O resultado dessa série de traumas é descrito por Nelson Bomilcar em “Os Sem-igreja”:

alguns sem-igreja se transformam em pessoas negativas, graves, pesadas, desesperançosas. Não desejam mais partilhar sua caminhada cristã e preferem manter-se em seus casulos e em suas bolhas, fora da comunidade (seja ela formal, seja informal), vivendo uma liberdade sem limites, sem qualquer tipo de sujeição ao irmão ou à autoridade, desconsiderando o próximo e estando alheio ao senso de serviço, de partilha e de missão. (BOMILCAR, 2012, p. 16)

É válido ressaltar que os desigrejados não são um grupo que desejam romper com a fé cristã, seus protestos estão centrados na igreja. O desejo do movimento é alcançar “um Evangelho sem mistura com a Igreja Católica, ou de Lutero ou de Calvino, tão pouco com os pentecostais ou neopentecostais” (BILHALVA, 2020, p.19). É por isso que o fenômeno não é restrito a religiões evangélicas, católicas ou denominações específicas. Contudo, é um movimento que não possui forma, não possui alcance de idade e é facilmente aceito por membros que estão em constante risco de decepções das lideranças evangélicas.

Philip Yancey possui uma frase impactante em seu livro *Alma Sobrevivente: Sou Cristão, Apesar da Igreja* que resume o pensamento do desigrejado pós-moderno: “Em vez de um poderoso instrumento de transformação da sociedade, emerge uma instituição pecadora e mantenedora do status quo” (YANCEY, 2004) . O pensamento do fiel contemporâneo segue a lógica: se há uma instituição que fere o relacionamento individual do sujeito com Deus, porque fazer parte dessa comunidade?

Uma das principais reivindicações dos desigrejados, sendo parte de suas motivações para a saída de uma comunidade de fé, é a justificativa de um relacionamento livre e direto com Jesus, dando ênfase na espiritualidade individualista. Tal direcionamento da fé cristã parece uma intenção de assumir a teologia de Kierkegaard como base fundamental para o desenvolvimento teológico dos desigrejados. Para o teólogo dinamarquês, “é o próprio cristianismo que atribui uma enorme importância ao sujeito individual; o cristianismo só quer se envolver com este, este, só este, e, por conseguinte, com cada um em especial”. (KIERKEGAARD, 2013, p.54).

Um discurso similar é reproduzido pelos adeptos dos desigrejados, como “a igreja sou eu” ou se referindo a um dos seus argumentos de fundamento sobre a desnecessidade do uso de templos e/ou outros locais físicos para o desenvolvimento da fé. Contudo, as críticas do teólogo giravam em torno de uma cultura marcada pela religião manipulada e imposta pelo Estado, além disso, a universalidade criticada pelo teólogo se fazia em oposição ao sistema hegeliano que valorizava a objetividade, a sistematização de todas as coisas e a própria racionalidade (BARROSO, 2020, p. 82). Utilizar da teologia de Kierkegaard para justificar ou validar o movimento dos desigrejados seria exercer um anacronismo em razão dos diferentes valores da sociedade do século XIX e do modelo da sociedade atual na qual vive uma valorização individualista e não tem como base o idealismo hegeliano. Ainda sim, a sua sistematização da individualização da fé como parte crucial da espiritualidade cristã não deve ser excluída como fator favorável ao desenvolvimento de um fenômeno que supervaloriza este aspecto da vida cristã.

Inclusive, Frank Viola, considerado por Idauro Campos Júnior como o principal expoente do movimento desigrejados (CAMPOS, 2017, p.20) utiliza da vida e dos escritos de Kierkegaard no livro Cristianismo Pagão, obra que fundamenta, estrutura e valida o comportamento dos desigrejados como a única reação possível à igreja protestante contemporânea.

Este livro dedica-se a expor as tradições adotadas com relação a Deus e Sua Igreja. Ao fazê-lo produz uma séria conclusão: A igreja institucional moderna não tem qualquer direito bíblico nem histórico para continuar existindo! (VIOLA, 2017, p.6)

Em sua tese, Viola está convicto que a Igreja Cristã da atualidade não possui nenhuma ligação com Jesus Cristo. Para ele, os templos erguidos e ministros ordenados, como os pastores, são influências pagãs que ferem a essência do cristianismo original.

Acerca do espaço físico, os argumentos são bastante conhecidos e reforçados pela maioria dos adeptos do movimento. A justificativa evoca trechos bíblicos, como Mateus 18:20 onde Jesus fala “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio deles”, para defender que os templos não são cruciais para o desenvolvimento da fé. Por outro lado, a crítica aos ministros ordenados é mais contundente. Segundo Viola, “o pastor é o obstáculo para o funcionamento de cada membro” (VIOLA, 2017, p.173).

A denúncia do autor envolve vários períodos históricos que, de acordo com ele, tentaram valorizar a figura pastoral em detrimento dos membros comuns. Viola identifica Inácio de Antioquia, Clemente de Roma, Tertuliano e Cipriano de Cartago como nomes responsáveis pela segregação entre os líderes eclesiásticos e os fiéis comuns. Ele ainda cita reformadores, como Martinho Lutero, que não resgataram o sacerdócio universal na área eclesial, mantendo as ordenações ministeriais (CAMPOS, 2017, p.57).

Para Viola e para a grande parcela dos desigrejados descontentes com as práticas eclesiásticas, a figura do pastor/ministro ordenado discrimina as funções

dos demais membros. O autor defende que todos devem ter o direito à ministração no Corpo de Cristo e não é uma atribuição exclusiva a uma pessoa.

O pastor é uma grande boca e você uma orelha minúscula, deixando você na condição de espectador mudo, capaz apenas de anotar sermões e passar a bandeja da oferta. (VIOLA, 2008, p.216).

O teólogo ainda desenvolve outras críticas relacionadas à liturgia das comunidades de fé, como o modelo de sermões formais ou estudados. Ao lado dele, George Barna acredita que era moderna não mais comporta a estrutura ortodoxa das igrejas e, naturalmente, está acontecendo a "Revolução", nome do seu livro que atribui aos tempos modernos uma "marcha de desigrejados voltando para o estilo de vida do primeiro século fundamentado na fé, longanimidade, amor, generosidade, bondade, simplicidade e outros valores" (BARNA, 2007, p.26).

Para Barna, a instituição cristã não funciona. O pesquisador levantou dados que demonstram que o divórcio entre cristãos e não-cristãos possui a mesma média; há uma pouca porcentagem de adultos que aceitam a moral absoluta bíblica; a média de doações anuais para a igreja é de três por cento das rendas dos membros; e menos de um terço da congregação se comprometem com o serviço cristão (CAMPOS, 2017, p.62). Em um cenário tão negativo, a conclusão da obra Revolução é abandonar o sistema evangélico atual para assumir um estilo de vida revolucionário "como Jesus, o supremo revolucionário" (BARNA, 2007, p.89), investindo em amizades espirituais e família de fé alcançáveis longes das estruturas de templos ou ministros ordenados.

A sistematização de Barna e Viola fortaleceu significativamente o movimento dos desigrejados. São dois expoentes que, a partir de dados, análises e experiências, construíram uma ruptura da igreja institucional de modo abrangente, alcançando os decepcionados com as lideranças evangélicas e os insatisfeitos com a estrutura atual da igreja. Embora haja críticas e denúncias válidas através de seus conceitos, há um ponto importante a ser estudado: o período histórico que o movimento desigrejados está inserido. A sociedade líquida pode ter um nível de

contribuição significativa para a adesão do movimento, possibilitando compreender outras motivações para o crescimento do fenômeno além dos citados anteriormente.

2 - Desigrejados fortalecidos pela sociedade líquida

2.1 - Como a sociedade líquida define os relacionamentos

Movimentos de ruptura da igreja não surgiram com os desigrejados, mas é possível identificar que o fenômeno se tornou muito mais organizado e estruturado na modernidade. Seu fortalecimento atual pode ser identificado por meio de uma análise filosófica e sociológica dos relacionamentos, dos pensamentos e das atitudes contemporâneas. Para tal processo de análise, é necessário recorrer às produções do filósofo polonês Zygmunt Bauman e compreender como a sociedade pós-moderna é definida como uma “sociedade líquida”.

Bauman entende a modernidade líquida como o resultado onde os referenciais são liquefeitos e a humanidade não encontra nada sólido em se apoiar. Portanto, o resumo da existência é desenvolver um projeto individual, pessoal e sem nenhum apego aos referenciais institucionais que formaram a história da humanidade, como a família, a classe, a religião, a nacionalidade e a ideologia política.

Em sua análise sobre o pensamento de Bauman, o mestre em sociologia, Tiago de Fragoso, destaca como o sociólogo polonês compreende o mundo moderno:

Na modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitassem, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão. Chega-se no entender de Bauman a era da comparabilidade universal, onde os indivíduos não possuem mais lugares pré-estabelecidos no mundo onde poderiam se situar, mas devem lutar livremente por sua própria conta e risco para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente. (FRAGOSO, 2017, p.110).

Os referenciais, a história e as instituições são desprezadas pela modernidade líquida e a igreja conta com essas três características identificadas por Bauman. Logicamente, há um desinteresse natural e inato à sociedade

contemporânea quanto ao compromisso em participar de uma estrutura de comunidade de fé.

O responsável pela análise da sociedade contemporânea analisou os níveis de comprometimento e relacionamento na obra Amor Líquido. Graças às conclusões do filósofo, é possível identificar padrões de comportamento da sociedade que se arrastam para seus círculos sociais e, conseqüentemente, afetam a estrutura institucional da igreja.

Desenvolvendo especificamente o aspecto dos relacionamentos, Bauman é categórico e reconhece que eles são frágeis, substituíveis e completamente descartáveis. Para o sociólogo, o amor tornou-se um sentimento banalizado e não há espaço para um compromisso contínuo.

“Amor líquido é um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma “líquida”, o amor tenta substituir a qualidade por quantidade — mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um “objeto encontrado”, mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade.” (BAUMAN, ISTO É).

O sociólogo define os relacionamentos interpessoais como “conexões”, porque exprime o fato da possibilidade de conectar ou desconectar de pessoas, objetivos, satisfações e prazeres. Suas conclusões possibilitam o entendimento de uma valorização do indivíduo como ser único. A modernidade líquida enfatiza o poder que o ser tem sobre si mesmo “de tornar-se qualquer um” (SIQUEIRA, 2017, p.49).

Dessa forma, não há um espaço para a terceirização das conseqüências, afinal, o ser tem sobre si o poder de suas escolhas, de sua formação, de sua identidade. Siqueira, em sua introdução ao pensamento de Bauman, aponta que o corpo, ações e decisões viram um produto no qual o indivíduo opta em fornecer e consumir o mesmo de outros. Contudo, quando os problemas surgem a partir das escolhas individuais dos seres, é necessário arcar com toda a responsabilidade.

Logo, “o mundo de consumidores é um mundo abarrotado de mercadorias e é um lugar cheio de culpa e responsabilidade” (SIQUEIRA, 2017, p.66).

Nesse entendimento, nesse formato de relacionamentos, ou conexões, o modelo dos desigrejados ganha visibilidade facilmente por oferecer uma saída: a possibilidade de crer em um ser divino capaz de resolver os problemas de culpa sem a necessidade de se comprometer com um outro ser humano. Afinal, manter-se ligado a algo ou alguém é nadar contra a correnteza da fluidez, da liquidez, do constante movimento de transformação.

As vantagens da fluidez são mistas, revelam a ambivalência desses valores, já que a liberdade pode tanto uma possibilidade de máximo consumo, como a impossibilidade de participar ativamente da vida de consumo e desenvolver traumas, síndromes e doenças psicológicas em geral. A solidariedade também é minada já que a tarefa compartilhada entre os indivíduos precisa ser feita individualmente, assim como o sentimento de dor e cura de seus sofrimentos. (SIQUEIRA, 2017, p. 67-68).

Em uma sociedade onde o projeto de vida pessoal e individual funciona como regulador de ações e pensamentos, é difícil conciliar uma vida coletiva em que um possa se submeter a outro. Conseqüentemente, o comprometimento é fragilizado, a submissão é inexistente e há uma propensão natural para criticar as instituições formalizadas, como a igreja, e os representantes delas, como os ministros ordenados.

2.2 - A sociedade do consumo afeta a igreja

Na modernidade líquida, os indivíduos se tornam consumidores constantes. Não se trata apenas de transações mercantis ou aquisições desenfreadas em centros comerciais, mas sim, tornar a si mesmo, suas convicções, pensamentos e comportamentos como produtos entregues ao mundo. Logo, cada pessoa tem “algo a oferecer” ao mesmo tempo tem um cardápio para escolher o que consumir de outras pessoas.

A sociedade ou cultura do consumo foi descrita por Bauman na modernidade líquida ao denunciar o desejo insaciável da busca pela felicidade em um universo

onde esse estado de satisfação é interminável. Enquanto a felicidade não é alcançada, então o consumidor se sente atraído a comprar a próxima linha de produtos, torcendo para encontrar aquilo que ele tanto procura para si (FRAGOSO, 2017, p.112).

A sociedade do consumo afeta diretamente em como o sujeito se identifica, pois a partir das suas escolhas de mercadorias é feita a composição de seu caráter e reconhecimento. Bauman, novamente recorrendo à análise das relações liquefeitas, aponta que os indivíduos buscam uma aprovação alheia por mais que estejam apenas dedicados ao projeto pessoal de individualização. Nesse processo, que inicialmente parece contraditório, as pessoas abrem mão de seus gostos, interesses e ações para ter uma identidade fabricada e artificial, descartável a qualquer momento que for conveniente.

As habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido-moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente, à engenhosidade e destreza de um prestidigitador. A prática de tais habilidades tem sido colocada ao alcance de um consumidor comum, mediano, pelo expediente do simulacro – fenômeno (na memorável descrição Jean Baudrillard) similar às doenças psicossomáticas, conhecidas por eliminarem a distinção entre “as coisas tal como são” e “as coisas como aparentam ser”, entre “realidade” e “ilusão”, ou entre o “verdadeiro estado” das coisas e sua simulação. O que antes era visto e sofrido como uma labuta interminável exigindo mobilização ininterrupta e um oneroso escoamento de todos os recursos “interiores”, agora pode ser alcançado com a ajuda de substitutos e engenhocas compráveis por uma módica soma em dinheiro – embora, evidentemente, a atratividade de uma identidade composta de adornos comprados cresça proporcionalmente à quantidade de dinheiro despendida (BAUMAN, 2009, p. 22-23).

A partir dessas conclusões, é compreendido que o consumismo se torna uma marca importante da modernidade líquida. No entanto, o consumismo, multifacetado pela nova forma do capitalismo, expandiu seus alcances às possessões materiais. Nesse conceito, o sociólogo polonês se apodera do pensamento do sociólogo escocês Harvie Ferguson que transforma a frase “eu sou tudo aquilo que tenho” do capitalismo clássico para “eu sou tudo aquilo que quero”, pois o querer é uma força que não possui limites, não pode ser medida ou sequer controlada (SIQUEIRA, 2017, p.58).

A liquidez da identidade como base para um anseio consumista desenfreado afeta diretamente o formato das comunidades. Bauman não cita as estruturas religiosas, mas ele analisa os impactos do “desenraizamento da identidade” em comunidades sociais. Suas consequências podem ser pensadas diretamente para as comunidades de fé.

Para o sociólogo polonês, a identidade não é mais como uma raiz de uma árvore que se aprofunda e se fixa, mas assume a figura de uma âncora de navio. Quando o indivíduo quiser se mover, basta apenas içar a âncora e mover o navio. Com isso, Fragoso resumirá o pensamento de Bauman das consequências na comunidade:

“Se as identidades são navios que ancoram, as comunidades são portos, locais de passagem, que não podem impor limites estreitos ao trânsito dos navios. A “pertença” não poderia deixar de ser múltipla, pois o controle social das comunidades caiu em desuso. São comunidades a “la carte” que embasam a busca frenética dos indivíduos pelo seu lugar no mundo. (FRAGOSO, 2011, p 115)”

Bauman analisa o comportamento das comunidades e, para se viver em uma delas, é necessário “abdicar da própria liberdade” (BAUMAN, 2003, p.9). Esse movimento é uma traição do pensamento pós-moderno pois a liberdade é, querendo ou não, a própria identidade fabricada. Se o indivíduo abre mão do seu constante desejo de mudança e da sua possibilidade de andar livremente para se submeter às regras de um grupo específico, então na verdade, ele está sacrificando a autonomia e o seu projeto de vida pessoal.

Na sociedade de consumo, a fé e as comunidades religiosas podem se transformar em um self service em que o consumidor pode escolher do que se alimentar. Em sua obra, *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*, o sociólogo Stefano Martelli aponta que “a nova forma religiosa apresenta-se como um fenômeno reservado essencialmente à esfera privada. O indivíduo tem acesso direto ao cosmo sagrado” (MARTELLI, 1995, p. 411). Esse pensamento ou característica do homem moderno é consequência da individualização, da identidade móvel e da sociedade do consumo, um tripé de pensamento que torna a instituição religiosa como uma organização opcional para o desenvolvimento da fé pessoal. Não há a necessidade

de compromisso ou da ativa participação para comungar da mesma fé, logo, o movimento dos desigrejados é fortalecido pela visão de mundo contemporânea.

Há implicações diretas para a visão sobre a igreja a partir da ótica do consumismo. Antes, onde a instituição dominava e era vista como local de transcendência; agora, ela é substituída por “uma realocação por profissionais da contemporaneidade” (PORTELLA, 2006, p.76). Assim como os desigrejados entendem que a fé pode ser desenvolvida em um ambiente informal entre amigos conversando sobre disciplinas espirituais, a visão sociológica da religião pós-moderna compreende que a sociedade contemporânea desvinculou a natureza religiosa de ambientes estritamente religiosos.

A igreja, que antes possuía autoridade religiosa e era composta por pessoas “em uma visão coesa da vida”, agora é descartada em razão “das certezas e plausibilidades do território privado, como descobertas pessoais existências” (PORTELLA, 2006, p.80). As pessoas buscam seu mundo de significados e ressignificações, encontrando aquilo que elas querem consumir e qual lugar as fazem bem. Em um mundo fragmentado com identidades fragmentadas, o sociólogo e teólogo Peter Berger resume a sociedade moderna como “um mercado aberto”.

Essa situação representa uma severa ruptura com a função tradicional da religião, que era precisamente estabelecer um conjunto integrado de definições de realidade que pudesse servir como um universo de significado comum aos membros de uma sociedade. Restringe-se assim o poder que a religião tinha de construir o mundo ao da construção de mundos parciais, universos fragmentários, cuja estrutura de plausibilidade, em alguns casos, pode não ir além do núcleo familiar (BERGER: 2004, p. 146).

2.3 - Desigrejados: a fotografia que exprime a sociedade contemporânea

Diante do exposto anteriormente, é possível chegar a algumas conclusões acerca do pensamento contemporâneo e como a modernidade líquida fortalece um movimento de ruptura da igreja institucional.

Uma comunidade de fé, como a igreja é, é compreendida como “o edifício de Deus, sendo Jesus Cristo seu alicerce [...] e não há estrutura sem um alicerce

sólido.” (DEYOUNG, 2018, p.13). Sua configuração, seja atual ou dos tempos primitivos, é orientada por princípios estabelecidos não-variáveis, imutáveis e sólidos. Por definição, sua essência é naturalmente oposta ao pensamento vigente do homem pós-moderno do século XXI. Conseqüentemente, o modelo dos desigrejados ganha uma projeção alavancada por não condicionar os membros para uma organização sólida, estruturada, mas sim, deixá-los livres para escolher como praticar suas fés que, já não são mais consideradas coletivas, mas somente privadas.

A modernidade líquida fortalece o movimento dos desigrejados a partir da sua prioridade: o projeto individual. As pessoas buscam pelo sagrado e pela satisfação pessoal ao mesmo tempo (BILHALVA, 2020, p.45), mas entendem que suas liberdades são auto-suficientes para conduzir as espiritualidades e, por isso, não é mais necessário o ofício pastoral ou regras de uma comunidade institucionalizada.

O pastor e teólogo norte-americano Kevin Deyoung, em seu livro “Por que amamos a Igreja”, dá um exemplo que, segundo ele, é o padrão básico das falas para os descontentes com a igreja e, por isso, se exilam da comunidade, acreditando que podem exercer sua fé distantes de um grupo coletivo. Ele descreve como é “a narrativa tão comum” dita, repetida e decorada pelas pessoas:

A igreja institucional é tão (adjetivo pejorativo). Quando vou à igreja, eu me sinto completamente (emoção negativa). A liderança é totalmente (adjetivo que você usaria para descrever um político corrupto) e as pessoas são (substantivo que começa com in-). Os cultos são (adjetivo que você pode usar para descrever ir ao dentista), a música é (adjetivo que você usaria para descrever as musiquinhas da série infantil do dinossauro Barney e seus amigos), e a congregação inteira é (escolha entre: “passiva”, “comatosa”, “hipócrita” ou “conservadora radical”). A coisa toda me faz (termo médico). Eu não tive escolha a não ser deixar a igreja. Meu relacionamento com (substantivo espiritual) está melhor do que nunca. Agora eu me reúno regularmente com os meus (substantivo relacional, plural) e falamos sobre (substantivo que poderia ser o foco de um curso de artes liberais) e Jesus. Nós realmente nos importamos uns com os outros. Às vezes, nós até (escolha entre: “oramos uns pelos outros”, “alimentamos os desabrigados em conjunto” ou “compartilhamos ferramentas elétricas”). Assim é que a igreja deveria ser. Afinal de contas, (insira: “Onde dois ou três estiverem reunidos, ali estarei no meio de vós”, ou “a letra mata, mas o Espírito vivifica”, ou “não temos de ir à igreja, nós somos a igreja”). Não estou dizendo que todo mundo deve fazer o que eu fiz, mas, se você estiver cansado de (frase que começa com “institucional” ou termina com “como nós conhecemos”), eu convido você a se reunir a

(substantivo com conotações políticas) e experimentar (substantivo espiritual) como você nunca vai conseguir se sentando em um (escolha entre as seguintes humilhações arquitetônicas: “banco de madeira”, “cemitério ornamentado”, “mausoléu com vitrais” ou “sala de concertos glorificada”) semana após semana. Quando é que a (substantivo bíblico) começará a ser a (mesmo substantivo bíblico)? (DEYOUNG, 2018, p.15-16)

O exemplo dado pelo teólogo exprime o pensamento do homem pós-moderno religioso que é, na verdade, influenciado por sua incansável necessidade de sentir-se livre, conduzir sua espiritualidade a partir das suas necessidades e encontrar satisfação sem nenhum vínculo interpessoal.

A livre circulação de pessoas dentro do movimento dos desigrejados sem a necessidade de compromisso ou apego ao local indica o que Martelli identificou como “a relativa independência da religião”. O sociólogo analisa que o “enfraquecimento das instituições eclesiais e a perda da importância das comunidades tradicionais não menospreza os símbolos religiosos, mas permite a pluralidade de conceitos” (MARTELLI, 1995, p.17).

Os desigrejados, como não estão submetidos a nenhuma autoridade ministerial, compreendem e utilizam dos símbolos religiosos a partir de seus entendimentos. Por exemplo, a igreja perde o valor como comunidade local para receber uma supervalorização do conceito sobre espiritualidade individual; a cruz não possui mais o conceito de reconciliação entre as pessoas, mas é atribuída exclusivamente à salvação individual ou à paz de espírito singular. As possibilidades de interpretações dos símbolos religiosos reproduzidos buscados pelos indivíduos pós-modernos “é de uma multiplicidade de percursos e níveis” (MARTELLI, 1995, p.453).

“Na modernidade, o pensar por si mesmo passa a ser mais que um direito, mas praticamente um dever do indivíduo” (PORTELLA, 2006, p.36). A frase do doutor em ciência em Ciência da Religião resume como funciona a relação entre o homem pós-moderno e a própria religião. Os desigrejados não precisam de alguém os instruindo espiritualmente e, por isso, optam por viver suas dimensões religiosas “a partir da lógica da modernidade: pela autonomia em compor o seu mundo e sentidos pelos fragmentos dos indivíduos” (PORTELLA, 2006, p.36-37).

Como resultado da sociedade de consumo e da liberdade individual idolatrada, os desigrejados são fortalecidos pelas características da modernidade líquida. A sociedade contemporânea atual abraça o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico (HARVEY, 2008, p.49) e, com isso, a fé vira um campo sem-lei onde a igreja pode ser julgada ou não como importante para a vida pessoal. Os membros ou adeptos ao movimento dos desigrejados são pessoas frustradas com a igreja institucional que tentam, por suas respectivas insatisfações, montar suas próprias religiões, motivados pelo pensamento vigente contemporâneo que enfatiza a liberdade individual, o consumo de escolhas e opções sem nenhum vínculo.

3 - A Bíblia e os desigrejados

3.1 - O que a Bíblia diz sobre a igreja

Embora a sociedade pós-moderna utilize conceitos subjetivos para a interpretação ou remodelação da religião, a fé cristã utiliza de uma estrutura sólida, a própria Bíblia. Por meio dela, todos os símbolos do cristianismo devem ser interpretados e filtrados para manter uma coesão da própria fé. Por isso, nesse momento, é necessário avaliar o que as Escrituras Sagradas dizem sobre o papel da igreja, sua composição e qual é o modelo ideal a ser seguido.

O Templo do Senhor é um dos principais argumentos dos desigrejados e é um assunto que confunde a própria igreja. O local físico é apenas uma “alusão a uma realidade invisível e não possuem significados em si próprios” (BILHALVA, 2020, p.101). A Bíblia descreveu que Deus não habita em uma casa feita por mãos humanas como está expresso nos textos do Antigo Testamento (cf. 1Re 8.27; 2Cr 6.18). No entanto, a construção do Templo feita por Salomão servia para ensinar ao povo a importância da adoração exclusiva ao Deus deles e do serviço.

Textos do Novo Testamento também seguem a mesma lógica em apresentar um local físico como uma representação de princípios espirituais. Jesus havia estabelecido que um culto verdadeiro em um lugar específico, mas antes, ocorre por meio de pessoas (cf. Jo 4.23-24). O entendimento dessa realidade permitiu que os cristãos primitivos se relacionassem naturalmente com os Templos físicos porque não o colocavam como um espaço místico para desenvolver a espiritualidade, mas sim, o usavam para organização espacial e social. Exemplo disso é o ocorrido no livro de Atos dos Apóstolos no capítulo 2. Na passagem, os cristãos estavam “reunidos no mesmo local” e, quando o Espírito de Deus desceu sobre eles, todos se dirigiram para o Templo. Dessa forma, a frase do teólogo e filósofo suíço, Hans Kung, faz seu efeito: “é impossível uma Igreja sem o lado institucional” (KUNG, 1969, p.97). Os primeiros cristãos se relacionaram com tais estruturas, adaptaram-se às circunstâncias (como as perseguições que obrigavam encontros secretos), mas não assumiram uma posição radical de abandonar a instituição.

Ao longo da história, a composição da Igreja aliada à sua consolidação como instituição também trouxe efeitos positivos para a sociedade em geral. Por meio de caridade e filantropia, a expressão máxima do cristianismo resultou na construção de escolas fundamentais, hospitais, universidades, centros de recuperação, orfanatos e outros centros de acolhimento. A caridade e a generosidade são fundamentos essenciais da vida da igreja, como os textos de Atos 9:36 e 1 Coríntios 16:1,2 narram, respectivamente, mulheres da Igreja produzindo vestimentas para os necessitados e a prática de doações promovida pelos cristãos.

Um dos termos utilizados para se referir à Igreja no Novo Testamento é “koinonia” que significa “união comum ou participação” (BILHALVA, 2020, p.96). Essa definição era utilizada para enfatizar o chamado no convívio entre os demais membros, como em Atos 2:42, e a prática de acolhimento com os necessitados, como em II Coríntios 9:1-13.

A Bíblia entende que a fé cristã não é uma experiência individual e solitária, mas antes, é uma união com Jesus Cristo, um casamento no qual ele retornará para buscar a sua noiva, a própria Igreja. Esse relacionamento intrínseco exige um entendimento no qual o perdão e amor aos outros é essencial, pois assim como Jesus Cristo possui a comunhão com o indivíduo, ele deseja que todo o corpo esteja em conformidade com a cabeça, duas figuras de linguagem que representavam a igreja e Jesus Cristo, respectivamente. No texto de 1 João 1:3, é reforçado como comunhão exercida dentro da igreja se torna o laço entre os membros ao próprio senhorio de Jesus Cristo e, conseqüentemente, com Deus. O processo de busca pela comunhão é sacrificial, exigente e um esforço. A Igreja é atribuída para promover esse relacionamento profundo porque antes é um dom dado por Deus e, logo, deve ser desenvolvido um esforço diligente como resposta à graça divina (HACKMANN, 2013, p. 90).

Os textos do Novo Testamento não indicam a possibilidade de existir um cristão fora de uma comunidade local. Pelo contrário, algumas cartas paulinas expressam o perigo de um membro se desligar do corpo, como expresso em Colossenses 2:19. Embora os desigrejados defendam sua espiritualidade ligada a

Jesus Cristo, o vínculo a ele exige um vínculo entre os membros. A passagem de Efésios no capítulo 4 enfatiza e defende a unidade exigida entre os cristãos.

Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor. Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos. E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo. Efésios 4:2-7

A igreja, chamada de noiva de Jesus ou o corpo dele, é o espaço onde o próprio cristão desenvolve sua fé, de acordo com a Bíblia. O indivíduo, solitário e isolado, é incapaz de compreender todos os aspectos da fé cristã porque é somente na área comunitária que os dons concedidos por Deus são exercidos justamente para edificar o restante dos membros (cf. I Coríntios 2:14), os bens são compartilhados com os pobres e com aqueles que precisam de recursos (cf. Atos 4: 32-37), a Ceia é ministrada como uma recordação do sacrifício de Jesus Cristo (cf. Atos 20:7) e o batismo é celebrado como decisão voluntária do indivíduo em se incorporar em uma comunidade (cf. Atos 2:41).

A comunidade constituída pelos convocados se chama Igreja, ou seja, uma congregação de fiéis, chamados e reunidos continuamente, e onde a pessoa se compromete inteiramente, como descrito em Ef 4.15-16. (PORTELLA, p.108)

3.2 - Respostas às reivindicações dos desigrejados

Consideradas todas as informações apresentadas ao longo da pesquisa, é possível responder às características dos desigrejados levantadas por Augustus Nicodemus. A partir desse momento, já é possível chegar às conclusões concretas sobre o movimento de ruptura e se suas reivindicações são justas.

1) Jesus Cristo não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional. Contudo, “ser cristão, logo de início, implicou em crer, aceitar e acompanhar determinado corpo de verdades sobre o Filho de Deus” (CAMPOS, 2017, p.155). Logo após a glorificação de Jesus, os apóstolos, aqueles que

passaram muito tempo próximo do mestre, formaram a igreja que foi honrada por Deus como relata a passagem de Atos 2:47. Nesse mesmo texto, o autor Lucas aponta que a igreja se reunia com regularidade, frequentava o templo, batizava os convertidos e seguia um modelo padrão. Ou seja, a igreja primitiva já seguia por um caminho de institucionalização, mesmo que fosse embrionária.

2) Os cristãos do primeiro século se afastaram dos ensinamentos de Jesus, a igreja se corrompeu com a filosofia grega e o cristianismo sofreu influência de Constantino. Se faz necessário a crítica de movimentos cristãos que abandonaram os princípios das Escrituras para justificar atrocidades, como as Cruzadas. Além disso, o envolvimento da fé com o poder político sempre foi um perigo, gerando resultados danosos para a sociedade e para a própria imagem da fé. Contudo, há uma generalização banal sobre a formação da igreja. Nas páginas do Novo Testamento, há relatos de modus operandi da igreja na era apostólica para “a escolha de Matias, fórmulas de candidatos aos ofícios pastorais, o ato litúrgico da imposição de mãos e consagração” (CAMPOS, 2017, p.162). As marcas institucionais não surgiram para defender a própria instituição e deixar Deus de fora, mas sim, para proteger as igrejas de falsos ensinamentos e deixá-las em uma linha de constante edificação.

3) A Reforma caiu no erro de ter criado denominações organizadas e manutenção do sistema com confissões de fé, catecismos e declarações que impediam o livre pensamento teológico. O mestre e doutor em Ciências da Religião, Hermisten Maia, defende que o uso de confissões de fé já era uma prática neotestamentária “como depósito sagrado da parte de Deus” (COSTA, 2002, p. 25-26). O período da Reforma Protestante, em uma perspectiva, auxiliou no resgate da importância desses documentos ou conjuntos normativos para a vida cristã que servem como propósito didático para trazer verdades doutrinárias essenciais para a fé.

4) A igreja verdadeira não tem templos, rol de membros, propriedades, dígitos e outros ofícios. Como visto anteriormente no texto de Atos, os cristãos primitivos já demonstravam suas organizações sociais e culturais em locais físicos, com uma estrutura de ministros ordenados, compartilhando dos bens privados para se tornarem comunitários e ofertando para as causas missionárias.

5) A espiritualidade se desenvolve com amigos em uma cafeteria, não sendo necessário ir à igreja no domingo ou pertencer a uma comunidade organizada. Nelson Bomilcar, no livro *Os Sem-Igreja*, dará ênfase sobre “as práticas espirituais da igreja”, como a fé do indivíduo é somente desenvolvida no contexto de uma igreja porque somente em um lugar com “pessoas sendo transformadas que mudanças também virão” (BOMILCAR, 2012,p.208). Kevin DeYoung, no livro *Por que Amamos a Igreja*, também reforçará a extrema importância deste corpo.

Fazer parte de uma igreja – e aprender a amá-la – é bom para a sua alma, bíblicamente responsável e agradável a Deus. E não me refiro à “igreja” que consiste em três caras bebendo café com leite com especiarias na Starbucks, falando sobre a espiritualidade da banda de rock norte-americana Violent Femmes e por que a série de TV *Sex and the City* é realmente profunda. Eu quero dizer a igreja local que se reúne – seja onde for que você deseja se reunir –, mas que exulta na cruz de Cristo; canta hinos a um Deus santo e amoroso; tem oficiais da igreja, boa pregação, celebra os sacramentos, exerce a disciplina e coleta ofertas. Essa é a igreja que combina liberdade e forma na adoração comunitária, com pessoas idosas e jovens, tipos artísticos, viciados em corridas de carro, interessados e fiéis, e provavelmente tem boletins e regulamentos. (DEYOUNG, p. 20)

6) A igreja como organização humana só tem prestado um desserviço ao Evangelho pelos seus pecados, escândalos e muitos erros. É verdade que os últimos anos do cristianismo foram marcados por polêmicas graças a maus representantes, cristãos que não praticam os ensinamentos de Jesus Cristo e instituições que agiram de má-fé. A jornalista Marília de Camargo, em seu livro *Feridos em Nome de Deus*, relata casos de pessoas enganadas, desacreditadas e iludidas por lideranças e pela igreja institucional. São exemplos negativos, trágicos e que denunciam problemas graves no meio eclesial. Porém, “o caminho do resgate da relevância do cristianismo não passa pelo desprezo da história, tradição, legado e instituições, mas na redescoberta de como operar esses expedientes” (CAMPOS, 2017, p.207). A solução não é jogar água juntamente com o bebê, mas identificar os sintomas a serem tratados e atuar nas esferas que precisam da colaboração de cada indivíduo.

Nas últimas palavras introdutórias de seu livro, DeYoung cita aquilo que a igreja é: “falha e confusa, mas é a noiva de Cristo” (DEYOUNG, 2018, p.20). Embora ela

esteja manchada ou mal falada, ela ainda é a noiva na qual será buscada por Jesus Cristo. E, portanto, cada investimento, cada defesa e todo o esforço para torná-la edificada e melhor construída, valerá a pena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento dos desigrejados não deve ser menosprezado ou descartado. Na verdade, o fenômeno já tomou grandes proporções e, por isso, precisa ser estudado pelas comunidades eclesiais e pesquisadores da área da teologia. A grande aderência ao movimento justifica a pesquisa em razão da relevância que o tema possui na contemporaneidade, ainda mais como objeto de estudo para analisar o comportamento da sociedade pós-moderna e como ela se relaciona com a própria religião.

Este trabalho pretendeu compreender as nuances do movimento desigrejados e como o fenômeno se tornou uma expressão religiosa relevante nos últimos anos. A partir de pesquisas bibliográficas dos fundadores e defensores da ruptura da igreja institucional, como Frank Viola e George Barna, e também por defensores e pesquisadores da igreja institucional, como Ildaro Campos Júnior e Kevin DeYoung, foi possível levantar informações, argumentos e reivindicações de ambos os lados e, acima de tudo, comparar com o que a Bíblia diz acerca da igreja almejada por Deus.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi analisar o movimento dos desigrejados e sua composição histórica. Embora sua relevância tenha aumentado nos últimos anos, como visto pelos dados registrados no IBGE e publicações feitas na América do Norte, os movimentos de ruptura fizeram parte da história da igreja com reivindicações similares aos argumentos defendidos pelos desigrejados. Ter um panorama geral de movimentos, como o montanismo, os quakers da Inglaterra e os protestos de Kierkegaard auxiliam no entendimento que certas reivindicações dos desigrejados já foram levantadas em algum período do passado. Contudo, a formação do movimento assume uma estrutura própria graças ao fortalecimento proporcionado pela modernidade líquida, característica singular do contexto atual.

O objetivo específico deste trabalho de conclusão de curso foi correlacionar o movimento dos desigrejados com as características da modernidade líquida descrita por Zygmunt Bauman. Por meio da pesquisa, foi possível concluir que a sociedade

atual possui um intenso desejo de romper com as instituições, idolatrar sua própria liberdade individual e ter uma grande disposição de opções para consumir como forma de expressão da própria identidade. Tais características gerais da contemporaneidade estão diretamente ligadas ou são fatores cruciais defendidos pelo movimento dos desigrejados que se opõem à estrutura institucional da igreja, não acreditam na necessidade do ofício pastoral para o desenvolvimento da espiritualidade e defendem seus direitos de escolha em como se relacionar com a fé cristã.

Com isso, a hipótese da pesquisa em que o fenômeno dos desigrejados é fortalecido pela cultura da modernidade líquida se confirmou por suas similaridades de pensamentos, pela defesa de princípios sobre a liberdade individual e pelo protesto às instituições. Em razão da sociedade contemporânea priorizar o individualismo, o consumo desenfreado de objetos e pessoas, a aderência é alta a um movimento que não assume vínculos ou compromissos com outras pessoas e não se submete a nenhuma autoridade, como pastores e ministros religiosos. Dessa forma, os desigrejados, ou cristãos sem-igreja, tornam-se uma opção interessante para as pessoas que buscam utilizar da fé cristã para satisfação pessoal sem se comprometer com o aspecto importante da espiritualidade, a própria igreja.

Sendo assim, a análise aponta que a modernidade continuará a defender ou promover uma espécie de independência religiosa visando uma multiplicidade de experiências religiosas a partir da ótica individualista. As comunidades de fé poderão ser bombardeadas por críticas pelo discurso pós-moderno e, caso não saibam responder às questões de maneira temperada, serão taxadas de instituições frias, mortas ou decadentes. O problema levantado por esse artigo é que o fenômeno dos desigrejados criará, cada vez mais, uma nova expressão do cristianismo que altera fundamentos essenciais para a própria espiritualidade e, com o desenvolvimento e o casamento entre o movimento de ruptura ao lado da sociedade líquida, será possível visualizar uma fé individualista, sujeita a interpretações baseadas com as experiências de cada ser e com várias ramificações, perdendo sua essência.

Para futuras pesquisas acerca do movimento dos desigrejados, pode-se realizar uma pesquisa de campo para atualizar ou incrementar os dados dos motivos

pelos quais as pessoas optam pela saída da igreja institucional. As informações do IBGE que estão disponíveis são números de 2010 e, após mais de 10 anos, deve-se ter mais detalhes e outras nuances sobre tais razões. Além disso, pode-se realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre as decepções e os motivos pelos quais os principais expoentes do movimento, como Frank Viola, decidiram defender o modelo. Por razões de tempo, não foi possível explorar a biografia do teólogo, mas é uma recomendação para futuras pesquisas encontrarem mais justificativas para a fundação do movimento.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABARCA, Rodrigo. Os Quakers: Guiados pela Luz Interior da Vida. Disponível em: <https://www.aguasvivas.ws/revista/54/espigando.htm>. Acesso em 11 mai 2022.

BARNA, George. Revolução. São Paulo: Abba Press, 2007.

BARROSO, Paulo. Kierkegaard e a prioridade do existente pessoal. Revista Investigação Filosófica. Macapá, v. 11, n. 3, p. 77-93, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a fragilidade de laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Arte da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal Estar na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERGER, Peter. O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BILHALVA, Alexandre O. Os “Desigrejados”. Estudo sobre o Fenômeno da Desinstitucionalização Contemporânea nas igrejas Evangélicas. Dissertação de Mestrado em Teologia. Programa de Pós-graduação Em Educação. Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020..

BOMILCAR, Nelson. Os Sem-Igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos séculos - uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMPOS, Idauro. Desigrejados - Teoria, História e Contradições do Nilismo Eclesiástico. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.

CÉSAR, Marília de Camargo. Feridos em Nome de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo. São Paulo: Edições Parakletos, 2002.

DEYOUNG, Kevin. Por que amamos a Igreja / Kevin Deyoung, Ted Kluck; traduzido por Neusa Batista da Silva. São Paulo: Editora Cultura Cristão. 2018.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade Líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. Revista Perspectivas Sociais, Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 109-124, março/2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2344/2197>.

Acesso em 13 mai 2022.

HACKMANN, Geraldo. L.Borges. A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica. 2ed. Porto Alegre: EdiPucrs, 2013 (Série Teologia, 24).

HARVEY, David. Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultura. São Paulo: Edições Loyola, 17ª edição: maio de 2008. ,

KIERKEGAARD, Soren Aabye. Pós-escrito às migalhas filosóficas, Vol. I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KÜNG, Hans. Veracidade: o Futuro da Igreja. Editora Herder. 1969.

LOPES, Augustus Nicodemus. Os Desigrejados. São Paulo. 2010. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com/2010/04/os-desigrejados.html>. Acesso em 11 mai 2022.

MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade. *Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF*. Juiz de Fora, v. 12, n.2, p. 87-99, jul-dez/2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-2-8.pdf>. Acesso em 10 de mai 2022.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna: entre a secularização e a dessecularização*. trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINS, Yago. *A Religião do Bolsonarismo: Um Ensaio Teológico*. Episteme; 2 edição. 2021.

Portal eBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/george_fox/> Acesso em: 11 maio. 2022.

PORTELLA, Rodrigo. *A Religião na Sociedade Secularizada: Urdindo as Tramas de um Debate*. *Rever de PUC/SP*, nº 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21771/11839> Acesso em 16 mai 2022

PORTELLA, Rodrigo. *Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: Da ciranda entre religião e secularização*. *Revista de Estudos da Religião*. Nº 2 / 2006 / pp. 71-87. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf Acesso em 14 mai 2022.

PRADO, Adriana. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. *ISTO É*. 24 set 2010. Disponível em: https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/. Acesso em 13 mai 2022.

SANTOS, Douglas Alessandro Souza. *Os Desigrejados: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada.. Tese (Mestrado em Ciências Sociais)*. Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara. 2018.

SHELLEY, Bruce L. História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Tradução Giuliana Niedhardt. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SIQUEIRA, Vinicius. Modernidade Líquida: Uma Introdução / Vinicius Siqueira. – Mauá, SP: edição do autor, 2017.

VIEIRA, Agnaldo da Silva. Fé e política em Kierkegaard, à luz da sua obra “Temor e Tremor” . Dissertação de Mestrado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/36244/36244_3.PDF. Acesso em 11 mai 2022.

VIOLA, Frank. BARNHAUS, George. Cristianismo Pagão: Analisando as Origens das Práticas e Tradições da Igreja. São Paulo: Abba Press, 2008.

YANCEY, Philip. Alma Sobrevivente: Sou Cristão, Apesar da Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.